

# Da psicoterapia à escuta psicanalítica<sup>1</sup>

Magda M. Colao

**Palavras - chave:** prática psicanalítica – escuta do inconsciente - espaço potencial.

**Resumo:** O desapego da ação psicoterápica e o aprendizado da prática psicanalítica requerem a escuta do inconsciente, o exercício da teoria, da técnica para estabelecer no espaço potencial a experiência da criatividade e do brincar. A prática psicanalítica tateia o brincar de Winnicott.

## Introdução

A psicanálise abrange as leis que regem o inconsciente. Ao longo da vida profissional exerci psicoterapia, desenvolvi escuta em nível da consciência e também em nível da ação e da reflexão, tendo presente a noção de que o inconsciente rege as nossas ações. Em várias oportunidades foram trilhados caminhos não somente como psicóloga, mas também como investigadora nas ciências humanas e nas sociais. Minha *prática social*, orientada pelo *materialismo dialético*, fortaleceu meu exercício profissional ao lado de outras categorias também consideradas relevantes como “a da *matéria*, da *consciência* e da *contradição* [...]”. É o saber acumulado pelo ser humano através de sua história” no dizer de Triviños (2006, p.121).

Hoje, em supervisão da minha prática psicanalítica, realizo algumas reflexões sobre o aprendizado da escuta e do silêncio. Escreve Winnicott (1990, p.70) que “o cérebro funciona em silêncio e não reivindica reconhecimento”. Dessa forma, amplifico a escuta do inconsciente do sujeito. Atendo-me ao que o sujeito fala e também ao que silencia. Ao escutar o que a psicanálise diz como sendo essencial a respeito da pessoa, tem sido um movimento de desapego e de rendição. Tenho constatado, pelo olhar de Winnicott (1990), que para compreender o desenvolvimento emocional de paciente, a psicanálise nos aponta algumas possibilidades:

Ela nos fala a respeito do inconsciente, da vida profunda e oculta de cada indivíduo humano que tem raízes na vida real e imaginária da infância mais precoce. No início, o real e o imaginário são uma única coisa, pois a criança não apreende o mundo de modo objetivo, mas vive num estado subjetivo, em que é a criadora de todas as coisas. ( WINNICOTT, 2011, p.XV).

A prática psicanalítica precisa ser vivenciada para poder ser praticada. Na interpretação de Winnicott (2011) há uma relação fidedigna da psicanálise com a ciência na medida em que há revelação da natureza científica nos seguintes casos:

1. A origem do cientista.
2. A maneira pela qual a pesquisa científica lida com a ansiedade relativa à fantasia e à realidade (subjetiva-objetiva).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado em jornada promovida pelo Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul em 23 de junho de 2012.

3. O método científico do impulso criativo aparecendo como uma nova questão, ou seja dependendo do conhecimento sobre o conhecimento já existente. (WINNICOTT, 2011, p. XVII).

A transformação da minha prática psicoterápica para a prática psicanalítica reflete outro horizonte, outra escuta. Escutar o inconsciente. Encontrar o espaço potencial, a saúde da pessoa, “porque a saúde social depende da saúde individual; a sociedade não passa de uma duplicação maciça de indivíduos”. Segundo Winnicott (2011, p.4), “a sociedade não pode ir além do denominador comum da saúde individual, e não pode avançar mais porque a sociedade tem que cuidar de seus membros enfermos”. Há necessidade de estabelecer ambiente facilitador para surgir uma relação viva.

### 1. Olhar Winnicottiano

“As mães, assim como os analistas, podem ser suficientemente boas ou não; algumas conseguem, e outras não, conduzir o bebê do relacionar-se ao usar. O paradoxo é o de que o bebê cria o objeto, mas o objeto estava lá para ser criado” ( WINNICOTT, 2003, p. 373).

Sentir o *insight* da diferença entre a prática psicoterápica com a prática psicanalítica é como nascer ou mesmo respirar. Winnicott expressa que no nascimento ocorre a grande mudança, do não-respirar para respirar.

“Ainda não se sabe muita coisa sobre o nascimento ou sobre seus efeitos (embora existam os que dizem que sabem)”. Winnicott sugere o ponto de vista de que, ao final da gravidez, há um ser humano no útero, que é capaz de ter experiências e de acumular memórias corporais e até mesmo de “organizar defesas para lidar com traumas” tais como falhas da mãe – e de outros – em adaptar-se ou instruções sobre o “continuar sendo”, escreve Newman (2003, p.295).

Da prática psicoterápica para a prática psicanalítica há uma passagem, uma outra forma de “olhar” de “escutar”. “Quando colocamos o problema da prática, forçosamente surge também o problema da teoria. A prática e a teoria são categorias filosóficas” ressalta Triviños( 2006, p.121).

Isto significa que devemos conhecer as bases teóricas da prática, ou seja, conhecer a teoria que origina essa prática, não esquecendo que a teoria nasceu da prática, isto é, de múltiplas tentativas realizadas pelo ser humano em seu dever, de variadas tentativas práticas [...]. Porém, se o homem não conhece os elementos teóricos de uma determinada prática, ele não compreenderá a prática (TRIVIÑOS, 2006, p.125).

Por exemplo, para elaborar a teoria da psicanálise Freud materializou muitas atividades práticas, descrevendo os princípios psicanalíticos a partir dos casos clássicos que até hoje recorremos a eles, não somente para entendimento pessoal, como também para compreender nossos pacientes na clínica. A partir disto, onde me coloco no ponto de vista da

passagem da prática psicoterápica para a prática psicanalítica? A resposta a este questionamento deve ser situado no clareamento sobre minha práxis, ou seja, vivência, experiência e exercício com a psicanálise.

O alicerce primordial para psicanálise vem da formação psicanalítica, da análise e da supervisão.. O ser humano, salienta Triviños (2006, p.136) “realiza práticas que constituem conhecimentos. Estes conhecimentos devem ser dominados” pelas pessoas em formação psicanalítica porque são práticas legitimadas. A psicanálise é uma teoria e uma prática. “A prática é que torna, ou pode tornar a hipótese, em um conhecimento científico” (TRIVIÑOS, 2006, p138). O exercício da psicanálise nos possibilita transitar através de campos de conhecimentos diversos, sem cristalizar em um ou outro.

Winnicott, nos aponta para essa possibilidade de ser verdadeiro e espontâneo, sem perder a seriedade e responsabilidade no momento de um acolhimento. Também Winnicott (2010) estabelece a diferença entre uma pessoa que procura ajuda porque está doente e necessita de tratamento psiquiátrico e aquela que é capaz de obter ajuda simplesmente ao falar com você (terapeuta – psicoterapeuta- psicanalista- educador). Nesse sentido ele aponta:

Se uma pessoa vem falar com você e, ao ouvi-la, você sente que ela o está entediando, então está doente e precisa de tratamento psiquiátrico. Mas se ela mantém interesse independente da gravidade do seu conflito ou sofrimento, então você pode ajudá-la. (WINNICOTT, 2010, p.1).

Podemos então compreender que “A psicanálise é um método para tratar pessoas psiquiatricamente doentes através de meios psicológicos, ou seja, sem aparelhos, drogas ou hipnose [...]. É um termo que se refere especificamente a um método, e a um corpo teórico que diz respeito ao desenvolvimento emocional do indivíduo humano.” ( WINNICOTT, 2011, p. XIII). A tese de Winnicott (2011, p.XIV) é que Freud “realmente iniciou uma nova ciência [...] que se preocupa com a personalidade, o caráter, a emoção e o esforço.”

Na continuidade dessas idéias o autor nos lembra:

A ciência suporta uma infinidade de dúvidas, e implica fé. [...] o vazio do entendimento, oferece um desafio excitante. Assume-se a ignorância, e se delinea um programa de pesquisa. [...].

A psicanálise avança onde a fisiologia se detém. Amplia o território científico para incluir os fenômenos da personalidade, do sentimento e do conflito humano. [...] é possível examinar a natureza humana, e, quando o desconhecimento se manifesta, a psicanálise pode se permitir e não precisa apelar para uma fuga a formulações supersticiosas. Uma das principais contribuições da ciência é a parada súbita que ela provoca na pressa e no incômodo; dá uma pausa para respirar . Podemos dar tempo ao tempo e fazer uma coisa de cada vez. ( WINNICOTT, 2011, p. XIV-XV).

## **1.1 Uma coisa de cada vez - Brincar**

Entre uma prática e outra, percebo que o estado de brincar precisa estar aceso dentro do psicanalista. Mas o que é o brincar? Aí está a condição entre outras singularidades do efeito do brincar, a passagem de psicoterapeuta para psicanalista, atingir a outra margem: ler, acessar, traduzir o inconsciente. “Na vida mental, o que é inconsciente é também o que é infantil”. Isto nos diz Freud que também revela a existência da sexualidade infantil chamada por ele de perversa e polimorfa. Freud também sinaliza ao longo de *Os três ensaios de sexualidade*, a teoria da libido como algo que dá tempero e colorido à vida, resgatando o desejo de viver, tornando as pessoas desejáveis, interessantes. Freud delineou os contornos da psique humana como um reino de pulsões obscuras a se manifestar por intermédio dos sonhos, atos falhos, lapsos de fala e das neuroses. No íntimo do ser humano, teria lugar uma luta contínua de interesses interditados por conflitos. A luta de contrários, a batalha entre anseios de prazer e a exigência moral de inibir, frear a energia vital - a libido- é um processo contínuo em busca da satisfação dos desejos. Desmascarar no plano do consciente esses conflitos interiores é para os psicanalistas a prática, o caminho ensinado por Freud, para a reparação de distúrbios psíquicos.

A internalização da psicanálise, conforme Winnicott (1975), além de ter a idéia do esquema geral do desenvolvimento emocional do ser humano, considera que a prática do brincar é sinal de saúde psíquica porque oferece possibilidade de cura para adultos e crianças.

O que quer que se diga sobre o brincar de crianças aplica-se aos adultos; apenas, a descrição torna-se mais difícil quando o material do paciente aparece principalmente em termos de comunicação verbal. Sugiro que devemos encontrar o brincar tão em evidência nas análises de adultos quanto o é no caso de nosso trabalho com crianças. Manifesta-se, por exemplo, na escolha das palavras, nas inflexões de voz e, na verdade, no senso de humor. (WINNICOTT, 1983, p.61).

Todo analista deve permitir diz Winnicott (1975, p.83) “a manifestação da capacidade que o paciente tem de brincar, isto é, de ser criativo no trabalho analítico”. Criação no espaço potencial da transicionalidade por meio do “gesto espontâneo” e também da “organização mental”.

### **Considerações finais.**

Winnicott (1983) trabalhou a origem da criatividade sendo esta o que sustenta o humano no espaço de vazio, permitindo ao indivíduo saudáveis condições para um desenvolvimento pleno. Em Winnicott (2011, p.23) para “ser criativa, uma pessoa tem que existir, e ter um sentimento de existência, não na forma de uma percepção consciente, mas como posição básica a partir da qual operar. Em consequência, a criatividade é o fazer que, gerado a partir do ser, indica que aquele que é, está vivo.”

A área do brincar é sempre uma vivência criativa em um contínuo de espaço-tempo, uma forma básica de viver, um espaço potencial que possibilita o desenvolvimento da capacidade de pensar e transitar entre o sonho e a realidade. “A capacidade de ficar só é um paradoxo [...] quando alguém está presente. Aqui está implícito um tipo muito especial de relação [...] apreciar a solidão compartilhada, isto é, aquela solidão relativamente livre da característica que nós chamamos reclusão” (WINNICOTT, 1983, p.32-33).

Talvez esse seja o grande desafio para o psicanalista: aprender a silenciar, para dar lugar à escuta do seu paciente. Nesse momento ele não somente escuta o paciente como também escuta a si mesmo. Por fim, a ação psicanalítica “consiste em trazer para a consciência aquilo que estava inconsciente. Isto é conseguido, principalmente, por meio da revivência que ocorre na relação entre paciente e o analista”, expressa Winnicott (1990, p.78).

Se um analista for uma pessoa muito concreta, pode correr o risco de ser incapaz de brincar ou de não transitar na área da ilusão. “Sob tais condições, os indivíduos, se forem saudáveis do ponto de vista emocional, podem desenvolver o senso de existir, podem realizar alguns de seus potenciais pessoais, e podem brincar, conclui Winnicott no seu livro *Tudo começa em casa*, (2011, p.282).

## REFERÊNCIAS

- NEWMAN, Alexander. *As idéias de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- WINNICOTT, D.W. *D.W. Winnicott. Holding e interpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- \_\_\_\_\_. *D.W. Winnicott. Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- \_\_\_\_\_. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- \_\_\_\_\_. *O ambiente e os processos de maturação*. São Paulo: ARTMED, 1983.
- TRIVIÑOS, Augusto N. S. A dialética materialista e a prática social. *Movimento Revista da Escola Educação Física UFRGS*. POA, v. 12, nº2, p.121-142. maio/ago 2006.